

DESEMPREGO E INCOMPETÊNCIA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

São Paulo, 16 a 22/05/1980

O desemprego atinge 6,1% da força de trabalho em São Paulo e 8,1% no Rio de Janeiro. Esta é uma informação gravíssima publicada oficialmente pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE). Significa que milhares e milhares de trabalhadores em condição de trabalhar e querendo trabalhar estão sem trabalho. Significa que um número enorme de famílias estão passando dificuldades porque a economia brasileira não é capaz de dar emprego para todos. Temos agora desemprego aberto neste país.

No Brasil sempre houve desemprego disfarçado e subemprego. Desemprego disfarçado é a socialização de miséria. São duas pessoas fazendo o trabalho de um porque não há de fato trabalho necessário para duas pessoas. É a situação típica das unidades familiares de produção pré-capitalistas, caracterizadas em grande parte pelo auto-consumo e por padrões muito baixos de sobrevivência. O subemprego é a situação dos que trabalham tempo parcial, dos que vivem de biscates, dos que recebem um salário tão baixo que realmente não se pode dizer que estão efetivamente empregados.

O desemprego aberto, porém, sempre foi muito pequeno no Brasil. o exército industrial de reservas, constituído dos que assim aumentam a oferta de força de trabalho e pressionam os salários para baixo, no Brasil era constituído de desempregados disfarçados e subempregados. Agora temos também os desempregados abertos, como acontece nos países capitalistas desenvolvidos. A diferença, entretanto, está no fato de que naqueles países os desempregados recebem o salário -desemprego enquanto que no Brasil não.

O desemprego aberto é constituído por aqueles que procuram e não encontram trabalho, e, por outro lado não podem e ou não querem recorrer aos biscates dos sub-empregados ou a socialização da miséria dos desempregados disfarçados.

A existência de desemprego aberto indica que o Brasil já atingiu um certo grau de urbanização e desenvolvimento, mas indica também que a economia brasileira não está conseguindo criar empregos em quantidade suficiente. Indica que os empresários e o Estado, que são teoricamente os responsáveis pelo desenvolvimento econômico do País, não estão sendo capazes de cumprir com suas obrigações.

A causa fundamental do desemprego é a baixa taxa de acumulação de capital e conseqüentemente o crescimento insuficiente da produção ou da renda nacional. Alguns economistas pretendem que a causa principal do desemprego é a utilização de tecnologias muito avançadas, capital-intensivas, que substituem os trabalhadores por máquinas. De fato esta também pode ser uma causa, mas secundária, inclusive porque inevitável. É um absurdo imaginar que uma empresa ou um país utilize técnicas atrasadas ineficientes, que encarecem o custo das mercadorias, para manter trabalhadores artificialmente empregados disfarçados se fossem mantidos no emprego às custas de menor eficiência do sistema produtivo.

A verdadeira causa do desemprego é a baixa taxa de crescimento da produção nacional. Estamos crescendo a 5 ou 6 por cento, quando precisávamos crescer pelo menos 7 ou 8 por cento, dado que a população brasileira cresce quase 3 por cento por ano.

E não estamos crescendo a essas taxas necessárias por incompetência do governo e dos empresários, e por excesso de consumo dos capitalistas e dos tecnoburocratas, ou das camadas ricas e médias. Em uma época de euforia econômica, no chamado período do “milagre”, entre 1967 e 1974, crescemos a 11 por cento ao ano, mas utilizamos os recursos para um consumo desenfreado e para investimento em grande parte improdutivo. Por outro lado, para crescer a essa taxa fomos obrigados a nos endividar fortemente no exterior. Esse endividamento depois continuou a crescer como uma bola de neve. Agora é exatamente essa grande dívida externa o maior obstáculo para que o Brasil cresça à taxa necessária de 8 ou 9 por cento e crie emprego para todos. Nossas “elites”

empresariais e governamentais revelaram-se incapazes de conduzir de forma equilibrada o nosso desenvolvimento e agora quem paga são os trabalhadores em termos de desemprego. (O São Paulo, 16 a 22/05)